PT

Guia Histórico de Tavira

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO
Câmara Municipal de Tavira

DESIGN
Nerve Atelier de Design

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS
Ana Carvalho (págs. 36, 37, 49)
António Cunha (pág. 10)
Ricardo Silva Cordeiro (págs. 11, 13, 26, 28, 29, 32, 42, 47, 48)
Nerve Atelier de Design (restantes fotografias)

IMPRESSÃO
Jorge Fernandes, Lda.

TIRAGEM
3000

ANO
2019

Índice

2 Introdução

4 Friso cronológico

6 Tavira Arqueológica

8 Poços Rituais Fenícios

9 Muralha Fenícia

10 Núcleo Islâmico

12 Muralhas e torres islâmicas de Tavira

18 Bairro Almóada

20 Visões do Gótico e do Manuelino

22 Portas Góticas do Centro Histórico

24 Igreja de Santa Maria do Castelo

26 Antigo Convento de São Francisco

27 Capela Quinhentista da Igreja do Hospital do Espírito Santo (ou de S. José)

28 Pórtico do Antigo Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade (ou das Bernardas)

30 O Renascimento de André Pilarte e o austero "Estilo Chão"

32 Igreja da Misericórdia

34 *Loggia* do Palácio da Galeria

36 Antigo Convento de Nossa Senhora da Graça

38 Janela Renascentista da Casa Irene Rolo

39 Casa André Pilarte

40 Janela Renascentista da Travessa D. Brites

42 Igreja do Antigo Convento de Nossa Senhora da Ajuda (ou de São Paulo)

44 Os caminhos do Barroco

46 Ermida de São Sebastião

48 Igreja do Hospital do Espírito Santo (ou de São José)

49 Igreja Matriz de Santiago

50 Palácio da Galeria

51 Ermida de São Brás

52 Igreja de Nossa Senhora do Carmo

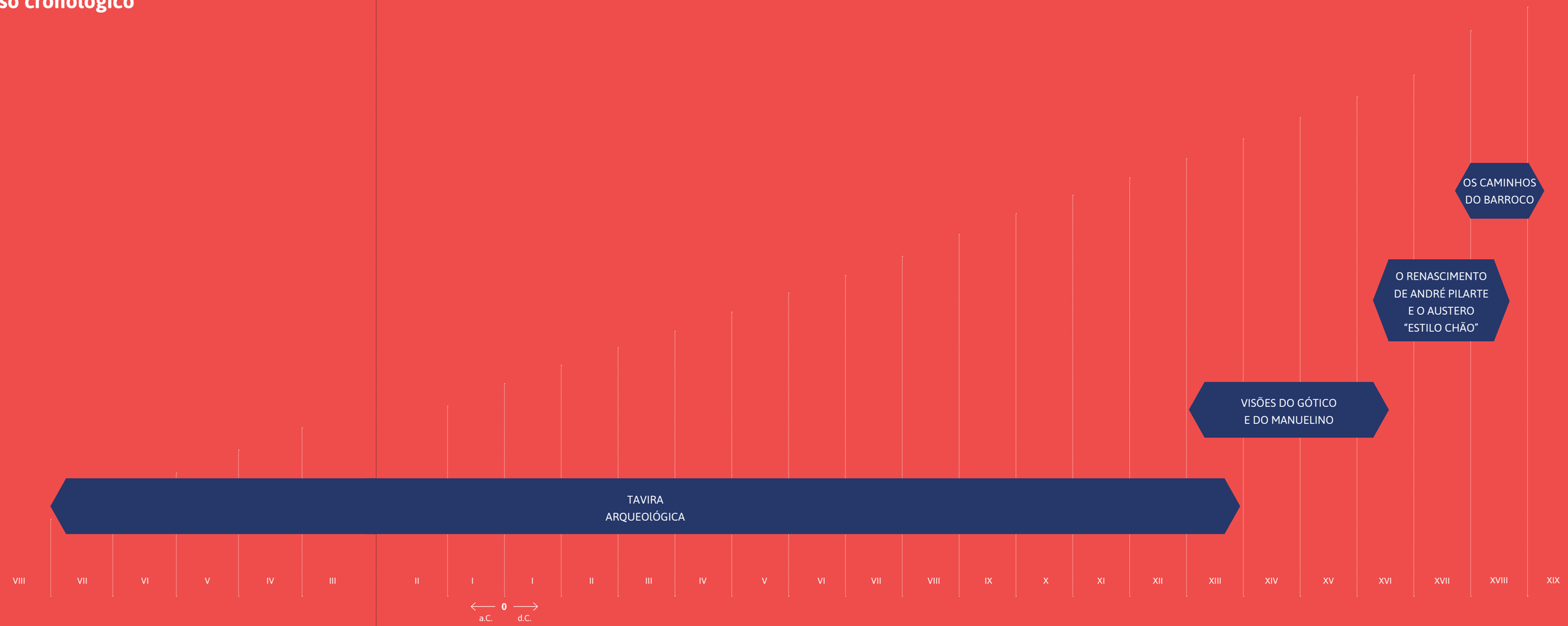
Introdução

Este guia destaca os principais testemunhos de épocas marcantes da história de Tavira. A sua variedade, o horizonte temporal, a diversidade de técnicas construtivas e estilos artísticos permitem afortunadas e proveitosas descobertas.

Os espaços, aqui referenciados, vão desde as épocas mais remotas aos vestígios medievais, ao gótico e manuelino, passando pelo renascimento e "estilo chão", até ao despertar da Idade Moderna e das notáveis produções do barroco tavirense. Uma visão sintética, mas convidativa, da evolução histórica e artística de Tavira.

Descubra a nossa história e desfrute do momento!

Friso cronológico



Tavira Arqueológica

Entre os finais do século VIII e o século VI a.C. uma população proveniente do extremo oriental do Mediterrâneo instalou-se na colina de Santa Maria.

Exímios navegantes e comerciantes, os fenícios colonizaram o extremo ocidental do Mediterrâneo cerca do século IX a.C.. São diversos os vestígios deste período encontrados em Tavira, nomeadamente no Palácio da Galeria, no Antigo Solar dos Corte Reais e nas proximidades do Convento da Graça onde foi identificada uma necrópole fenícia, da segunda metade/finais do século VII a.C., onde os corpos cremados eram depositados em urnas de cerâmica.

Com a chegada do século VI, as fortes influências sírio-púnicas que se tinham feito sentir desde o século VIII deram origem à Turdetânia, a qual se estendia desde as Colunas de Hércules (Estreito de Gibraltar) até ao Cabo Sagrado (Cabo de S. Vicente). No interior do atual Núcleo Islâmico foram identificados vestígios desta época que permitiram aferir atividades piscatórias e conserveiras, nomeadamente, um molhe de acostagem, um armazém de ânforas com preparados piscícolas e, imagine-se, a mais antiga rede de pesca de atum conhecida até ao momento.

Pensa-se que no início do século III a.C. a população de Tavira ter-se-á instalado um quilómetro a montante, no Cerro do Cavaco. Após a romanização, cerca do ano 30 a.C., ocorre uma nova migração, desta feita para a faixa costeira entre Santa Luzia e a Luz de Tavira, fundando a "Opulenta Balsa". Da ocupação romana da atual Tavira pouco se sabe. Devido à toponímia existente, alguns autores defendem a existência de uma *villa* romana na Bela Fria. Porém esta ainda não foi encontrada. Por outro lado, a ponte antiga que a tradição teima em designar como romana, tem origem medieval (século XII).

Aquando da chegada dos muçulmanos, possivelmente no século XI, Tavira estaria deserta, ou, na melhor das hipóteses, teria perdido o fulgor económico e mercantil de outras épocas. Com o domínio muçulmano, a urbe recebe um novo fôlego tendo sido capital de um Reino Taifa e, durante o período almóada, chega mesmo a ser capital de um distrito.

1. Poços Rituais Fenícios
2. Muralha Fenícia
3. Núcleo Islâmico
4. Muralhas e torres islâmicas de Tavira
5. Bairro Almóada

1 Poços Rituais Fenícios

SÉCULOS VII – VI a.C.
CALÇADA DA GALERIA / PALÁCIO DA GALERIA*
37.125970, -7.651398

Neste local a investigação atual coloca como hipótese a existência de cultos relacionados com divindades fenícias.

Escavações realizadas no átrio do Palácio da Galeria levaram à identificação de vários "poços" escavados na rocha e que foram interpretados como "Poços rituais fenícios" dos séculos VII – VI a.C., dedicados ao culto do deus das tempestades, Baal. Como este deus controlava os ventos necessários à navegação, os marinheiros prestavam-lhe culto de forma a obter condições favoráveis às suas viagens.

* EDÍFICIO REPRESENTADO TAMBÉM NA PÁG. 34 E PÁG. 50

2 Muralha Fenícia

SÉCULO VIII a.C. (FINAIS)
CALÇADA D. PAIO PERES CORREIA
37.125558, -7.650811

Um dos vestígios mais emblemáticos da época fenícia é uma sólida muralha com uma espessura que chega a atingir os 9.5 metros. Até nós chegou uma extensão de 13 metros. Este monumento poderá ser observado no interior de um novo Núcleo Museológico do Museu Municipal de Tavira, em fase de instalação.

Ainda neste local foram identificadas estruturas com cronologias entre os séculos VII a.C. e XVIII d.C. Entre muitas outras destacamos o troço de uma rua islâmica e um arco gótico. Estas podem ser observadas neste local até à sua integração no futuro núcleo museológico.

3 Núcleo Islâmico

SÉCULOS XI-XIII
PRAÇA DA REPÚBLICA
37.125889, -7.650210

Neste local foi encontrada uma das mais emblemáticas peças arqueológicas de época islâmica de Tavira, quiçá do Algarve: o Vaso de Tavira. Trata-se de um vaso cerâmico com representações animais e humanas aplicadas sobre o bordo e datado de finais do século XI ou início do século XII.

4 Muralhas Islâmicas de Tavira

Um pouco por todo o Centro Histórico distribuem-se troços dos panos de muralha que defendiam a cidade durante a presença muçulmana de Tavira. Existem troços das muralhas que não são visíveis ou visitáveis.

Muralha em taipa ciclópica

SÉCULO XII
INTERIOR DO NÚCLEO ISLÂMICO / PRAÇA DA REPÚBLICA
37.125889, -7.650210

Realizada com uma forte amálgama de cal, pedras e areia, esta foi revestida com pedra aparelhada o que lhe conferiu uma maior robustez.

Torre em taipa militar

SÉCULO XII
INTERIOR DO NÚCLEO ISLÂMICO / PRAÇA DA REPÚBLICA
37.125889, -7.650210

Esta torre encontra-se adossada à muralha e foi realizada com terra húmida misturada com pedras e cal.

Muralha rebocada

SÉCULO XII
ESQUINA DA RUA GONÇALO VELHO COM A PRAÇA DA REPÚBLICA
37.126289, -7.650241

Na esquina da Rua Gonçalo Velho com a Praça da República, podemos observar o aspeto que este tipo de estruturas teria quando ainda assumiam um importante papel na defesa da cidade, uma vez que estas teriam como revestimento um reboco de coloração ocre.

A Capela da Nossa Sr.ª da Piedade, sita nesta rua, aproveita também um troço da muralha.

Torres em taipa militar

SÉCULO XII
RUA DETRÁS DOS MUROS
37.126355, -7.652286

Tal como a torre encontrada no interior do Núcleo Islâmico, estas foram construídas em Taipa militar (terra húmida misturada com pedras e cal).

Passadiço de torre albarrã

SÉCULO XII
RUA DA BELA FRIA
37.125350, -7.653797

Estas torres encontram-se afastadas da muralha estando ligadas a esta por um sólido passadiço, permitindo a salvaguarda da cerca defensiva a partir de um ponto avançado.

Muralha em taipa militar

SÉCULO XII
RUA ANTÓNIO VIEGAS E RUA DAS PORTAS DO POSTIGO
37.124797, -7.653460 E 37.124427, -7.652947

Construída no período almóada, este pano de muralha denota uma inovação trazida por esta dinastia à construção em taipa: a junção de cal que conferia uma maior solidez e dureza à estrutura.

Castelo de Tavira

SÉCULO XI
LARGO ABU OTMANE
37.125389, -7.651425

O Castelo de Tavira foi construído para proteger a travessia do rio antes da construção da ponte no século XII. Sugerimos um passeio pelo Castelo, admirando não apenas a magnífica vista sobre a cidade e a ria, como também a torre albarrã octogonal.

5 Bairro Almóada

SÉCULO XIII
LARGO DR. JORGE CORREIA / CONVENTO DA GRAÇA*
37.125048, -7.652973

No período almóada (finais do século XII – inícios do século XIII) ocorre um aumento populacional originado pelas populações em fuga aos avanços da cristandade. Este crescimento demográfico levou à construção de um bairro habitacional intra-muros e de um arrabalde, que ia da Bela Fria até à atual Pousada da Juventude.

No decorrer das obras de adaptação do antigo Convento da Graça, atual Pousada, foi identificado um bairro almóada dos finais do século XII. Parte deste bairro foi preservada tendo sido criado um pequeno núcleo expositivo que, para além das estruturas habitacionais, integra alguns dos objetos encontrados no local.

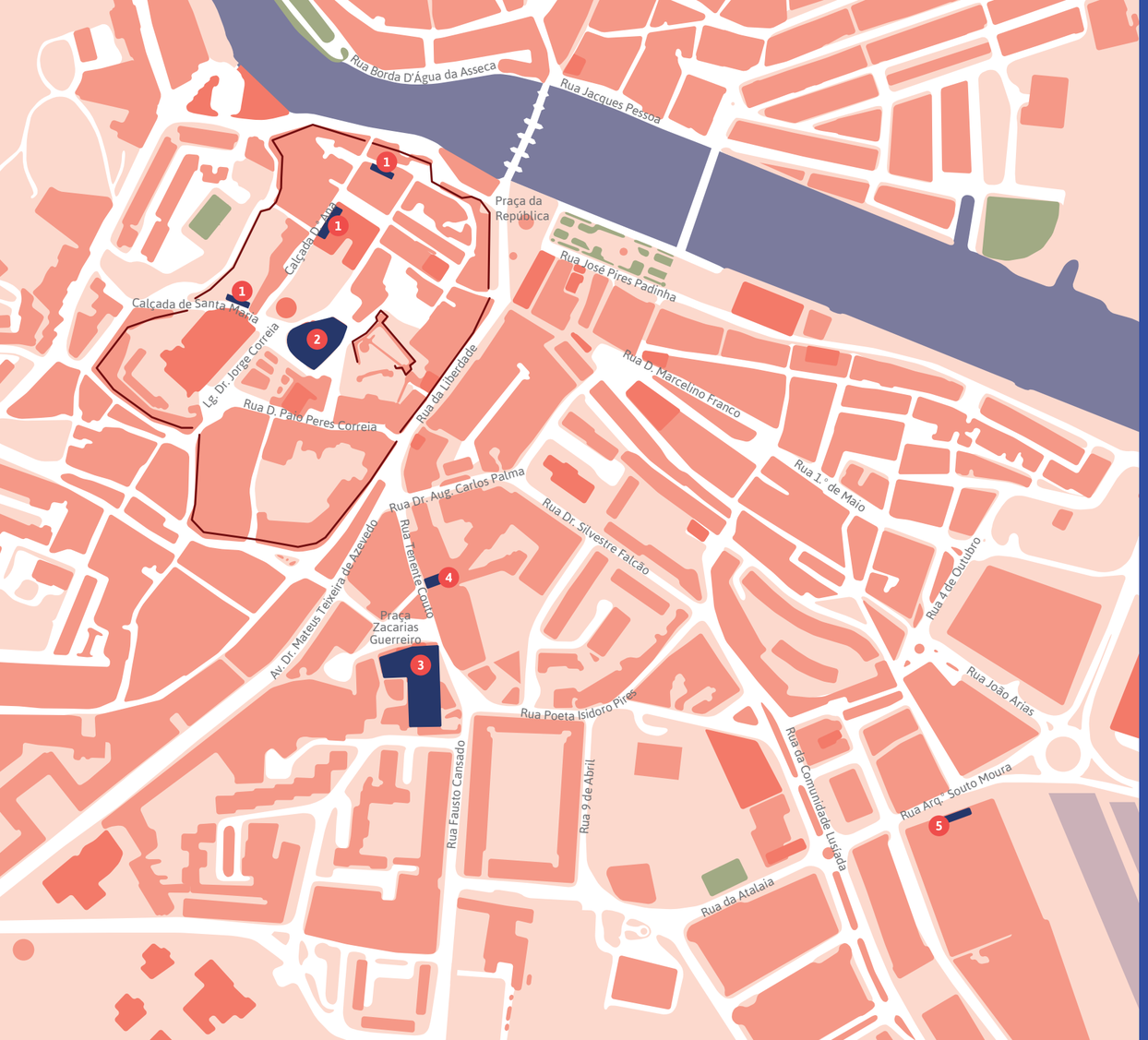
* EDÍFICIO REPRESENTADO TAMBÉM NA PÁG. 36

Para saber mais sobre este itinerário consulte, entre outros:

Tavira. Território e Poder.
Câmara Municipal de Tavira. IPM. Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa.

Património Arquitectónico Militar de Tavira.
Câmara Municipal de Tavira.

Torres, C. (2004) – *O vaso de Tavira.*
Câmara Municipal de Tavira Campo Arqueológico de Mértola.



Visões do Gótico e do Manuelino

Na colina de Santa Maria, cercada pelas muralhas do castelo, os conquistadores cristãos da Ordem de Santiago consolidaram a sua presença civil, militar e religiosa. Aqui se instalaram as primeiras igrejas, algumas reaproveitando o que restava das antigas mesquitas árabes. Será esse o caso da igreja matriz de Santa Maria, construída sob a iniciativa da Ordem de Santiago e edifício dominante da urbe medieval.

Nos anos seguintes, nobres, clérigos e burgueses ricos procuraram projetar a sua memória para a posteridade, fundando capelas com missas e pagando generosas parcelas de arquitetura religiosa. Neste contexto, o gótico – reconhecido na arquitetura pela larga utilização do arco quebrado e de nervuras nas abóbadas – marcou as construções da vila durante a Baixa Idade Média (séculos XIII--XV). Todavia, a sua história é hoje feita de fragmentos, ou seja, de alguns poucos vestígios que sobreviveram ao passar do tempo, às catástrofes naturais, à alteração de gostos e às transformações da paisagem construída da cidade. A última fase do gótico em Portugal é conhecida como manuelino.

O seu pleno florescimento decorre durante o reinado de D. Manuel I (1495-1521), não sendo alheio o interesse do monarca em dignificar o reino com empreendimentos à altura da glória alcançada pela expansão portuguesa no mundo. O manuelino afirma-se, sobretudo, ao nível da decoração arquitetónica. A sua ornamentação, exuberante e eclética, invade pórticos ou colunas interiores, enquanto nas abóbadas surgem complexas redes de nervuras. Os arcos quebrados góticos são substituídos pelos arcos polilobados, de ferradura, conopiais, em várias combinações, afirmando o gosto pela decoração avultada, pelo exótico e pelo fabuloso. Nesta época Tavira, elevada a cidade em 1520, constituía o mais próspero centro urbano do Algarve, beneficiando da sua situação estratégica no contexto da expansão portuguesa, apoiando a defesa e manutenção das praças conquistadas no Norte de África. O manuelino deixou aqui marcas, não sendo alheia a influência deixada pelos muitos e importantes artistas que por aqui passaram, a caminho das praças marroquinas onde desenvolveram o seu labor artístico ao serviço da Coroa.

1. Portas Góticas do Centro Histórico
2. Igreja de Santa Maria do Castelo
3. Antigo Convento de São Francisco
4. Capela Quinhentista da Igreja do Hospital do Espírito Santo (ou de São José)
5. Pórtico do Antigo Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade (ou das Bernardas)

1 Portas Góticas do Centro Histórico

SÉCULO XIV
RUA GONÇALO VELHO, CALÇADA D. ANA E CALÇADA DE ST.ª MARIA
37.126631, -7.651143, 37.126183, -7.651766 E 37.125589, -7.652509

Um pouco por todo o centro histórico de Tavira descobrem-se vestígios arquitetónicos góticos, especialmente antigas portas em arco quebrado, indiciando a antiguidade dos edifícios primitivos.

Muitas destas casas dos séculos XIV e XV foram sucessivamente alteradas ao sabor dos tempos e das diferentes necessidades funcionais, permanecendo góticas apenas as antigas cantarias.

São disso exemplo as duas portas que se conservam, uma nas proximidades do antigo chafariz e outra na Calçada de Dona Ana, integrada na fachada posterior do Palácio da Galeria.

2 Igreja de Santa Maria do Castelo

SÉCULOS XIII E XIV
LARGO DR. JORGE CORREIA
37.125346, -7.651747

A tradição afirma que este templo terá sido construído sobre a antiga mesquita maior, pouco tempo após a conquista de Tavira sob a iniciativa da Ordem de Santiago (1242), a quem foi doada e pertenceu até meados do século XVI. Deparamo-nos hoje com uma igreja de perfil neoclássico, fruto da reconstrução efectuada após o terramoto de 1755, o qual terá destruído as abóbadas da capela-mor e das naves.

Das campanhas góticas iniciais permanecem as duas capelas colaterais que ladeiam a capela-mor e o pórtico principal. As primeiras são cobertas com abóbada de cruzaria de ogivas e iluminadas por janelas em arco quebrado. As nervuras das abóbadas assentam em capitéis decorados com temas da flora regional.

No exterior, o pórtico principal, com quatro arquivoltas em arco quebrado e respectivos capitéis vegetalistas, data de uma campanha de obras de finais do século XIV ou inícios do século XV.

Na nave lateral da igreja inscreve-se a capela do Senhor dos Passos, testemunho arquitetónico da fase manuelina. Data da segunda década do século XVI, tendo sido patrocinada por Lançarote de Melo, comendador da Ordem de Santiago. Destaca-se a sua dinâmica abóbada polinervada decorada com bocetes, onde se desenham peças heráldicas associadas à linhagem do encomendador. Realce, também, para a decoração dos arranques das nervuras da abóbada onde se encontram representados, de um lado, dois dragões afrontados, e do outro, um cinto com sua fivela, expressões do fantástico e do quotidiano, temas comuns na arte manuelina.

3 Antigo Convento de São Francisco

SÉCULOS XIII E XIV
PRAÇA ZACARIAS GUERREIRO
37.123053, -7.650862

Fora da antiga cintura das muralhas, na colina fronteira à de Santa Maria, encontra-se o que resta do antigo convento franciscano de Tavira, imponente construção de origem medieval, dos séculos XIII e XIV, hoje profundamente diminuída em resultado da derrocada de parte da igreja (1840) e de um grande incêndio provocado por um raio (1881). A igreja atual é o resultado de reconstruções oitocentistas que subverteram a sua orientação original.

Encontram-se ainda partes da antiga construção gótica, nomeadamente, a atual sacristia e duas capelas que hoje se abrem para o jardim municipal. A primeira conserva uma admirável abóbada gótica sextapartida, com seus fechos e capitéis vegetalistas, bem como um grande janelão em arco quebrado. Correspondia esta dependência a uma capela colateral da cabeceira da igreja. Por sua vez, as duas capelas que se abrem para o jardim municipal são delimitadas à entrada pelos tradicionais arcos quebrados, sendo cobertas com abóbadas de cruzaria de ogivas assentes em capitéis vegetalistas. Comunicavam com a nave da antiga igreja conventual, já desaparecida, funcionando como capelas laterais.

4 Capela Quinhentista da Igreja do Hospital do Espírito Santo

(ou de São José)*

SÉCULO XVI (1.ª METADE)
PRAÇA ZACARIAS GUERREIRO
37.123414, -7.650725

Na mesma colina do antigo convento de São Francisco foi construído o Hospital do Espírito Santo, em 1454, com o patrocínio de D. Afonso V, tendo como missão acolher os feridos das expedições militares ou ultramarinas. Na igreja deste antigo hospício reveste-se de grande interesse uma capela lateral quinhentista, situada do lado do Evangelho, que se manteve íntegra mesmo após a reconstrução do templo em 1752. Esta conserva uma abóbada estrelada rematada com cinco fechos onde se revelam brasões com as armas dos Melos e dos Costas. Acresce aos elementos decorativos deste mesmo período uma interessante grelha ou respiradouro, lavrada em pedra, do mesmo tipo da que podemos admirar na capela do Senhor dos Passos, da igreja de Santa Maria do Castelo.

* EDÍFICIO REPRESENTADO TAMBÉM NA PÁG. 48

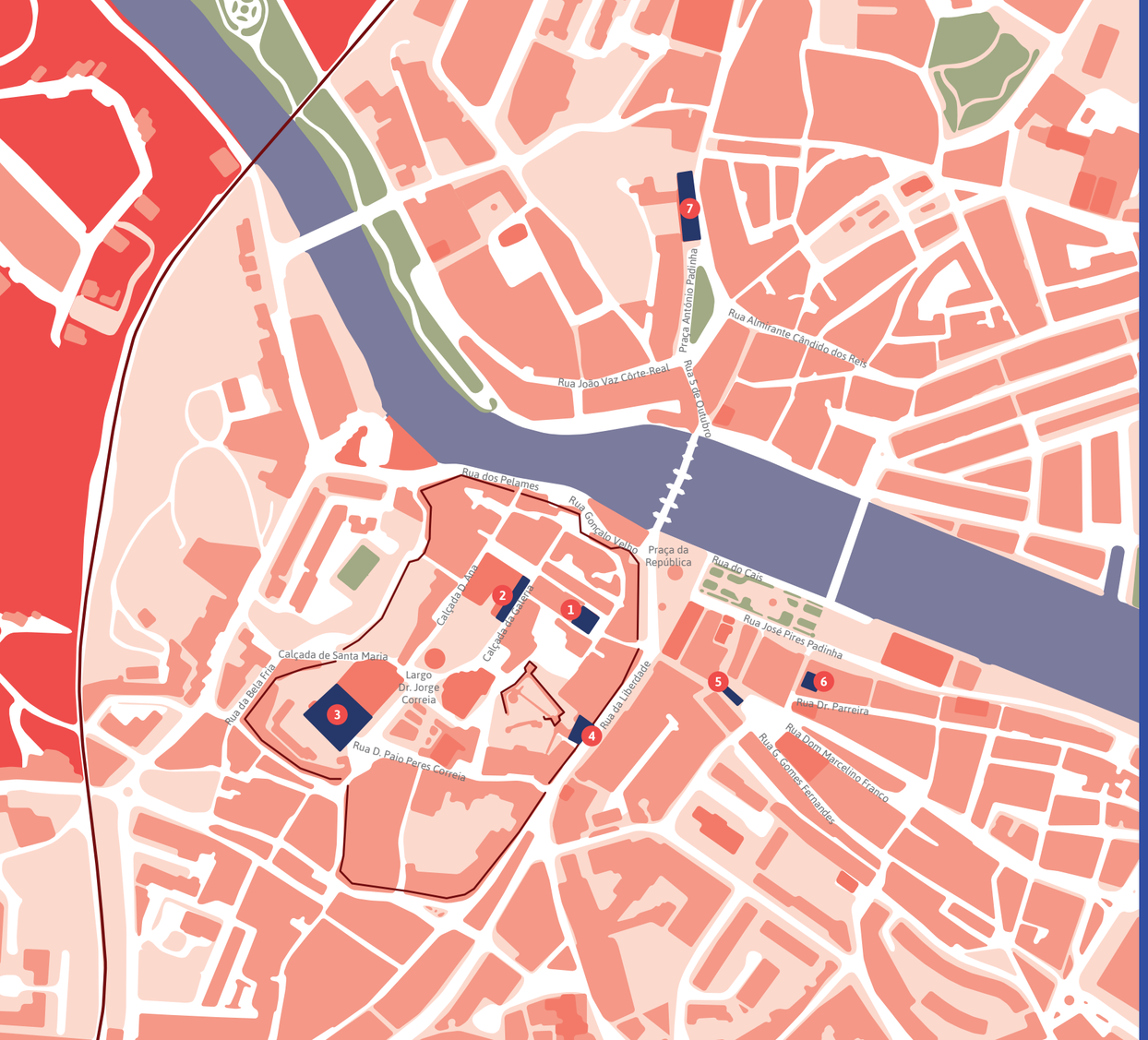
5 Pórtico do Antigo Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade

(ou das Bernardas)

SÉCULO XVI (1.ª METADE)
RUA ARQ.º SOUTO MOURA
37.121843, -7.645745

Como edifício monástico, o mosteiro de Nossa Senhora da Piedade foi o maior do Algarve e o único da ordem de Cister no Sul do País. Foi fundado em 1509, por iniciativa de D. Manuel I, em acção de graças pelo levantamento de um cerco mouro a Arzila. Em 1530, com a edificação praticamente concluída – dentro do formulário artístico do manuelino, esta foi cedida a monjas da ordem de Cister, que aí se mantiveram até ao século XIX.

O alçado Norte apresenta um portal gótico-manuelino definido por um arco de volta perfeita e duas arquivoltas assentes em colunas de base estrelada, fuste cilíndrico e capitéis decorados com elementos vegetalistas. Como de costume nos conventos femininos, esta porta pública da antiga igreja está situada na fachada lateral. Justifica-o o decoro e a rígida disciplina claustral. Os fiéis assim encaminhados na direcção do altar, eram obrigados a evitar o contacto visual com as monjas acomodadas no coro situado na retaguarda do templo.



O Renascimento de André Pilarte e o austero "Estilo Chão"

Na primeira metade do século XVI a sociedade da mais próspera cidade do Algarve encontrava-se dotada de recursos, apta a construir e a ornamentar novos templos e palácios com obras de mérito artístico.

Desde cedo Tavira torna-se num centro de grande atividade arquitetónica marcada pela aceitação do novo gosto italiano, renascentista, facto denunciado nos inúmeros documentos em que se encomendam obras "ao romano", "de pedraria romana", de "romano moderno". Figura ímpar no contexto da paisagem construtiva não só de Tavira, mas de todo o Sotavento algarvio, neste período, é seguramente o arquiteto local André Pilarte. Artista muito valorizado em Tavira, era oriundo dos estaleiros do mosteiro dos Jerónimos em Lisboa, no qual trabalhou.

Por volta de 1530 estava já radicado em Tavira, sua cidade natal, onde traça e dirige a construção da igreja da Misericórdia (1541-51) e realiza outras importantes obras renascentistas.

A partir da segunda metade do século XVI começa a ser indisfarçável o declínio económico e estratégico da cidade, agravado pelo abandono de algumas possessões no Norte de África, pelo domínio espanhol e pelo progressivo assoreamento do rio Gilão, contribuindo para a diminuição do movimento comercial do porto de Tavira. Apesar da perda de importância da cidade continuam a surgir novas construções, erguidas já dentro do austero "estilo chão", estilo caracterizado pela sobriedade formal e pelo despojamento decorativo, valores que farão fortuna na arquitetura até ao eclodir do barroco no século XVIII.

1. Igreja da Misericórdia
2. *Loggia* do Palácio da Galeria
3. Antigo Convento de Nossa Senhora da Graça
4. Janela Renascentista da casa Irene Rolo
5. Casa André Pilarte
6. Janela Renascentista da Travessa D. Brites
7. Igreja do Antigo Convento de Nossa Senhora da Ajuda (ou de São Paulo)

1 Igreja da Misericórdia

1541-1551
LARGO DA MISERICÓRDIA
37.125854, -7.650611

O arquiteto André Pilarte realizou esta igreja para a irmandade da Misericórdia de Tavira. A fachada principal é considerada um dos melhores testemunhos da Renascença portuguesa no Algarve. Integra um imponente pórtico com arco de volta perfeita e ampla decoração *all' antico* procedente de gravados italianos, sendo sobreposto por uma *Senhora da Misericórdia* recolhida sob um dossel e ladeada por dois anjos esvoaçantes, no meio dos apóstolos São Pedro e São Paulo. O interior apresenta um espaço com três naves e quatro tramos, cuja tipologia será seguida em outras igrejas de André Pilarte na zona do Sotavento algarvio (Moncarapacho, Luz de Tavira, Santa Catarina da Fonte do Bispo, Conceição de Tavira, Cacela-a-Velha e Alcoutim). As colunas são rematadas por admiráveis capitéis renascentistas.

2 *Loggia* do Palácio da Galeria

C. 1530-1560
CALÇADA DA GALERIA / PALÁCIO DA GALERIA *
37.125970, -7.651398

No maior Palácio da cidade – Palácio da Galeria – ainda se vislumbram trechos quinhentistas, salientando-se a esplêndida *loggia* ou galeria renascentista no topo da sua escadaria nobre. É formada por uma pequena arcada de grande carácter onde, apesar dos sinais de substituição de pedras, está patente a sua origem quinhentista.

* EDÍFICIO REPRESENTADO TAMBÉM NA PÁG. 8 E PÁG. 50

3 Antigo Convento de Nossa Senhora da Graça*

1569
LARGO DR. JORGE CORREIA
37.125048, -7.652973

Um dos primeiros edifícios a denunciar a mudança do renascimento para o "estilo chão" foi este antigo convento de frades agostinhos, construído a partir de 1569 no local da antiga judiaria de Tavira.

A afirmação do novo e austero gosto arquitetónico está bem patente na singeleza e despojamento do alçado principal da antiga igreja, cujo pórtico se apresenta sem qualquer decoração. É nítido o contraste com a restante fachada conventual, correspondente ao antigo dormitório, que integra formas decorativas mais dinâmicas, já ao gosto do barroco setecentista. O claustro interior é formado por arcos suportados por colunas toscanas assentes em pedestais, refletindo bem a sobriedade clássica que se apoderou do edifício durante a sua construção.

* EDÍFICIO REPRESENTADO TAMBÉM NA PÁG. 18

4 Janela Renascentista da Casa Irene Rolo

C. 1530-1550
RUA DA LIBERDADE
37.124979, -7.650725

No terceiro piso deste edifício encontra-se uma antiga janela renascentista, de expressão simples, debruada por um perfil boleado que assenta em duas elegantes mísulas bulbosas. Na verga vislumbra-se, em baixo relevo, parte do brasão do reino, indiciando que o edifício assumiria, na sua época, uma função pública.

5 Casa André Pilarte

C. 1520-1540
RUA ALEXANDRE HERCULANO
37.125361, -7.649523

Casa quinhentista de provável autoria do célebre arquiteto André Pilarte, responsável pela construção da igreja da Misericórdia. Situa-se no topo da rua Alexandre Herculano e, apesar de sucessivos restauros, não perdeu o seu cunho quinhentista. No piso térreo subsiste parte de um vão manuelino com expressivas cantarias que formavam um arco contracurvado.

O segundo piso apresenta uma elegante janela de sacada renascentista, com cornija saliente e fecho de enrolamento de acantos, de primorosa qualidade.

6 Janela Renascentista da Travessa D. Brites

C. 1520-1540
TRAVESSA D. BRITES
37.125457, -7.648741

Esta delicada janela integrava uma casa nobre quinhentista na zona da Ribeira. Um mainel divide o vão, sendo as molduras enquadradas por colunelos com capitéis de fina execução e mísulas suportadas por anjinhos. No centro da composição surge uma face masculina embarretada, motivo que se encontra em inúmeros portais de igrejas algarvias.

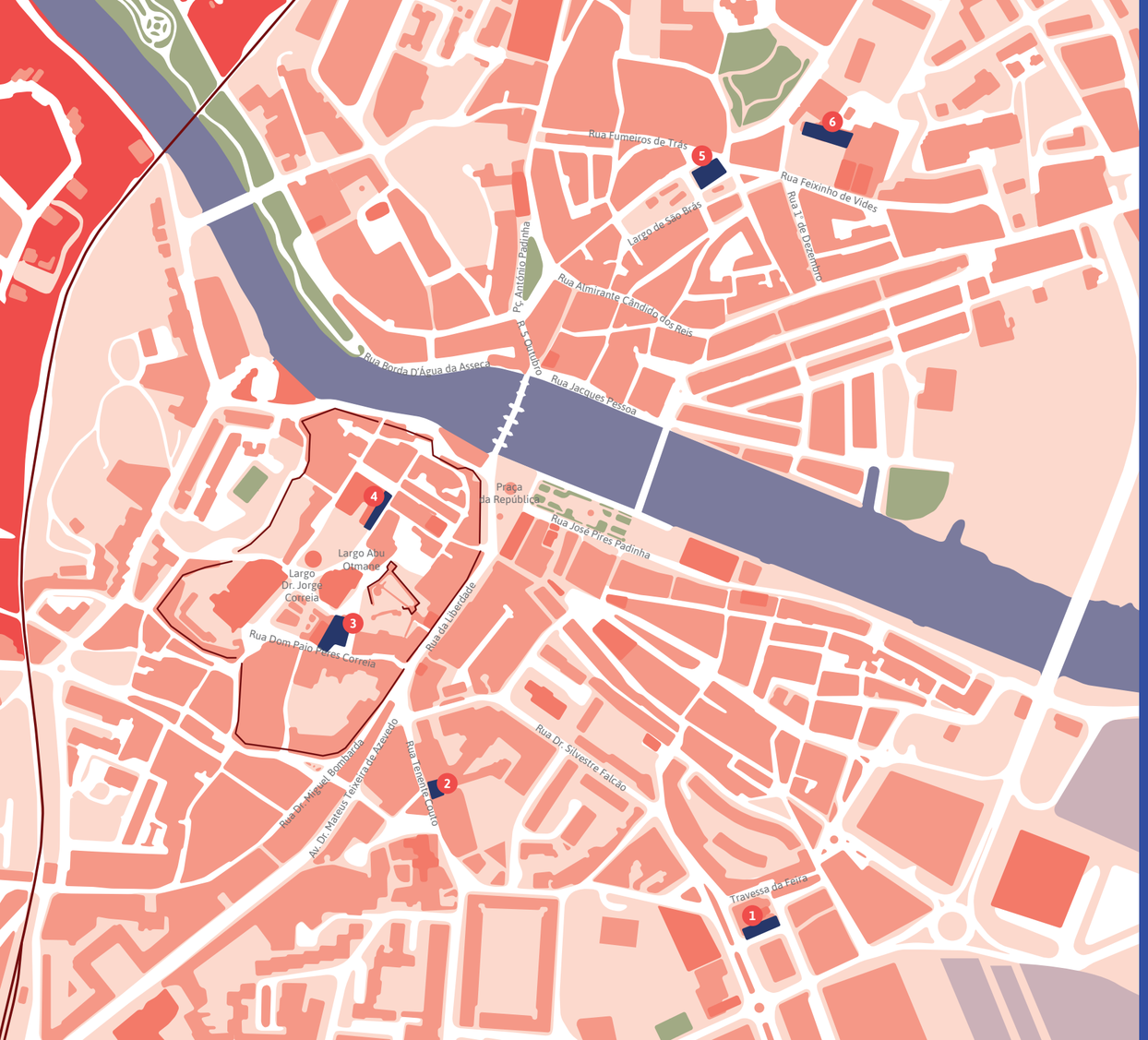
7 Igreja do Antigo Convento de Nossa Senhora da Ajuda

(ou de São Paulo)

1606
PRAÇA DR. ANTÓNIO PADINHA
37.128737, -7.649798

Antiga igreja conventual dos frades eremitas de São Paulo, erguida dentro dos valores do austero "estilo chão". Apresenta uma fachada desornamentada, a qual foi alterada no século XVIII com a introdução de três janelas de verga recta. O seu interior apresenta uma planta de cruz latina, composta pelos volumes da capela-mor, transepto e nave única.

Contém um interessante acervo de pintura, talha e imaginária religiosa dos séculos XVI, XVII e XVIII, em parte proveniente de outros templos da cidade e conventos extintos. Destaca-se o retábulo de Nossa Senhora do Carmo, feito em 1730 pelo entalhador Gaspar Martins.



Os Caminhos do Barroco

Construções cenográficas, monumentalidade das formas, arrebatamento dos sentidos são as fórmulas do barroco. Sob o impulso cultural e religioso da contrareforma, e após um longo período de vigência do "estilo chão", as construções adquirem um forte cunho cenográfico que visa causar a admiração do espectador e afirmar o domínio espiritual ou terreno. No Algarve, em Tavira em particular, os anos de estabilidade de D. Pedro II e de D. João V parecem ter sido marcados por algum desenvolvimento da atividade das Ordens Terceiras, das confrarias ou irmandades, favorecendo a proliferação e o esplendor de igrejas e capelas, mandadas erigir e decorar pelos confrades. Neste contexto, as manifestações artísticas passaram a desempenhar um papel importante, tendo sido conscientemente assumido o seu valor instrumental ao serviço de ideais religiosos.

É rica a arquitetura de Tavira realizada na época barroca, especialmente, devido às obras de Diogo Tavares de Ataíde (1711-1765), tido como o maior arquiteto do barroco algarvio.

1. Ermida de São Sebastião
2. Igreja do Hospital do Espírito Santo (ou de São José)
3. Igreja Matriz de Santiago
4. Palácio da Galeria
5. Ermida de São Brás
6. Igreja de Nossa Senhora do Carmo

1 Ermida de São Sebastião

SÉCULO XV (?). RECONSTRUÍDA EM 1745
RUA DA COMUNIDADE LUSÍADA
37.122244, -7.647210

Em 1682 já existia em Tavira a confraria de São Sebastião, ignorando-se, no entanto, a data de edificação da sua primitiva igreja. Dedicada ao culto do santo mártir romano tido como advogado contra as epidemias e contágios, o templo foi reedificado em 1745, segundo a direcção e projecto elaborado, provavelmente, pelo arquitecto Diogo Tavares e Ataíde. De pequenas dimensões, o templo adopta uma planta simples de nave única, capela-mor e sacristia rectangulares, em consonância com o "estilo chão". É sobretudo através da decoração interior do templo que o barroco se expressa com maior exuberância, complementando e dinamizando as paredes do edifício. Finda a campanha de reconstrução da ermida foi executada a exuberante obra de pintura do seu interior por Diogo de Mangino, um pintor local de certa notoriedade.

Este obrigou-se, em 1759, a realizar as pinturas da capela-mor, incluindo dez painéis com a vida de São Sebastião, o marmoreado fingido das paredes e ainda o estofo de duas esculturas de anjos tocheiros. Destaca-se a referida série de dez telas sobre São Sebastião, considerada a mais completa recriação pictórica sobre a vida do santo que existe na arte portuguesa. Outros mestres locais completaram, posteriormente, as campanhas de pintura, extensivas ao corpo do templo.

2 Igreja do Hospital do Espírito Santo

(ou de São José)*

SÉCULO XV. RECONSTRUÍDA ENTRE 1752-1768
PRAÇA ZACARIAS GUERREIRO
37.123414, -7.650725

Em 1746, por decreto do rei D. João V, foi determinada a reconstrução do Hospital Real do Espírito Santo de Tavira, face à necessidade de remediar os problemas de conservação do antigo edifício. A obra iniciou-se a bom ritmo em 1752, sob a orientação do arquiteto Diogo Tavares e Ataíde. Todavia, o terramoto de 1755 veio a afetar o processo de reconstrução, arruinando a igreja e causando muitos outros danos, razões que justificaram o arrastamento da obra até ao ano de 1768.

A atual igreja, de nave única e capela-mor, apresenta como particularidade a sua planta octogonal de lados desiguais. Integra-se numa tipologia de templos que têm como protótipo a igreja do Menino Deus, em Lisboa, devendo-se entender a planta octogonal, comum a estas igrejas, como uma tentativa de conciliar o gosto português do "estilo chão" com a estética barroca italianizante. No exterior destaca-se o pórtico principal, construído com formas rococó, ostentando no tímpano as armas reais e a pomba do Espírito Santo.

* EDÍFICIO REPRESENTADO TAMBÉM NA PÁG. 27

3 Igreja Matriz de Santiago

SÉCULO XIII. RECONSTRUÍDA C. 1763
RUA D. PAIO PERES CORREIA
37.124843, -7.652029

As suas origens remontam ao século XIII. A primitiva construção terá ficado bastante danificada com o sismo de 1755, tendo o rei D. José I ordenado a aplicação dos rendimentos das confrarias erectas neste templo para financiamento da sua reconstrução, por volta de 1763. Apresenta uma fachada principal sóbria da qual sobressai um exuberante medalhão em massa com a representação de São Tiago "mata-mouros".

A fachada sul é animada por um conjunto de volumes salientes das capelas laterais, sacristia e anexos, com suas pequenas cúpulas e lanternins, que conferem grande dinâmica e tornam o edifício particularmente apelativo. O interior apresenta retábulos em talha, imagens e pinturas sacras de várias épocas, algumas provenientes de templos extintos na cidade.

4 Palácio da Galeria*

SÉCULO XV E XVI. RECONSTRUÍDO C. 1750
CALÇADA DA GALERIA
37.125970, -7.651398

De origem medieval ou quinhentista. O Desembargador João Leal da Gama Ataíde, influente magistrado e detentor do palácio em 1746, promoveu a grande obra de remodelação que teve lugar nos anos seguintes, garantindo uma eficaz projeção do seu prestígio e estatuto social.

Para levar a cabo a ambiciosa obra que conferiu ao edifício as suas formas exteriores actuais, o proprietário recrutou Diogo Tavares e Ataíde, o mais importante arquiteto e mestre-de-obras algarvio do século XVIII. O que mais sugestiona no edifício é a sua presença altiva, marcando fortemente a silhueta da cidade. A marca do arquiteto reflecte-se na composição da fachada principal, em especial no andar nobre, onde aplica um conjunto de molduras dos vãos, com complementos decorativos, constituídos por frontão curvo, volutas laterais e pequena tabela *rocaille*. Destaca-se o grande portal principal, com molduras lavradas com motivos geométricos e verga arquitravada. Sobre ele apresenta-se uma janela de sacada, de recorte idêntico às restantes, mas com a particularidade de apresentar as ombreiras decoradas com enrolamentos acânticos, como se fora pedra entalhada.

* EDÍFICIO REPRESENTADO TAMBÉM NA PÁG. 8 E PÁG. 34

5 Ermida de São Brás

SÉCULO XV (?). RECONSTRUÍDA C. 1755
LARGO DE SÃO BRÁS
37.129065, -7.647507

Antigamente situado nos arrabaldes da cidade, este pequeno templo de origem medieval era administrado pela confraria de São Brás. A ermida possui nave única e capela-mor, tendo em anexo a casa do ermitão.

Uma grande campanha de obras ocorrida na segunda metade do século XVIII atribuiu-lhe novas formas, especialmente, na fachada principal, destacando-se o portal e janelão com expressivas molduras em cantaria do período rococó, assinalando-se igualmente a presença de um gracioso óculo de influência mafrense num dos alçados exteriores da capela-mor.

6 Igreja de Nossa Senhora do Carmo

1747
LARGO DO CARMO
37.129366, -7.646308

O ano de 1747 marca o início da construção da igreja da Ordem Terceira do Carmo em terreno junto ao recém-fundado convento carmelita de Tavira.

As obras deste templo prolongaram-se até 1789, com planta de cruz latina, tipologia pouco frequente na região. A ornamentação interior de algumas capelas iniciou-se na década de setenta. A talha da capela-mor é a mais relevante manifestação do rococó no Algarve.

Merece especial referência a pintura em perspetiva ilusionista do teto da capela-mor, de autoria de Joaquim José Rasquinho, com representação de *Nossa Senhora do Carmo a entregar o escapulário a São Simão Stock*. À atenção do visitante, como expressões do rococó, o guarda-vento e os seis retábulos laterais.

Mais informação:

www.tavira.pt

DESCUBRA **TAVIRA**

Descarregar na App Store

DISPONÍVEL NO Google Play

Distribuição gratuita

CO-FINANCIADO POR:

município tavira

CRESC ALGARVE 2020

PORTUGAL 2020

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional